

PE. ALCIONÍLIO BRUZZI ALVES DA SILVA (SDB) – (1903-1988)
(nótulas bio-bibliográficas)

*Erasmio d'A. Magalhães**

De uns tempos a esta parte, estamos a realizar levantamento para a feitura de estudo crítico-descritivo sobre a produção de trabalhos de interesse etnográfico-lingüístico por parte de missionários, católicos ou não, que atuam em áreas indígenas brasileiras. Tal fato nos levou a uma leitura atenta de número relativamente grande de trabalhos publicados por esses religiosos, bem como de documentos outros como relatórios de superiores de missões, descrições de viagens, cartas pastorais, catecismos, etc.¹

Atualmente, ao lado daquele arrolamento específico, estamos a dar certa ênfase ao estudo sobre as "fases" e "formas" de catequese salesiana levada na região banhada pelos rios Negro e Uaupés (Amazonas) e no planalto do rio São Lourenço (Mato Grosso).

Dentro deste contexto não seria demais prestar homenagem a quem, por cerca de quarenta anos, cuidou em levantar dados e estudar as línguas indígenas da bacia do Uaupés: o Pe. Alcionílio, denominação como era conhecido pelos amigos e lingüistas, o Pe. Alcionílio Bruzzi Alves da Silva, antigo professor da Universidade Católica de São Paulo e da Faculdade Salesiana de Filosofia de Lorena (SP).

Filho de Antonio Alves da Silva e de Carmelita Bruzzi, nasceu em Nova Era (na ocasião denominada São José da Lagoa) aos 10 dias de abril de 1903. Ingressa no colégio salesiano de Cachoeira do Campo, em 1913.

Em 1919 matricula-se no noviciado salesiano de Lorena, fazendo sua primeira Profissão no ano seguinte.

Na Itália prossegue seus estudos teológicos no Instituto Internacional D. Bosco e se ordena em 1930.

(*) Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (FFLCH-USP).

(1) Já publicamos dois artigos a respeito. "As atividades do Summer Institute of Linguistics no Brasil". *Biblos*, Coimbra, LVII: 753-772, 1981. "Introdução ao estudo da catequese salesiana no Brasil". *Boletim do CEPEHIB*, São Paulo, V (1): 17-29, jan. 1983.

Como sacerdote passa a atuar, a partir de 1930, no Liceu Coração de Jesus de São Paulo, sendo transferido no ano seguinte para o Colégio São Joaquim de Lorena.

Durante oito anos (1934-1942) atua nos cursos do Instituto Teológico Pio XI (São Paulo).

Na carta mortuária escrita por D. Walter Ivan Azevedo, bispo coadjutor de São Gabriel da Cachoeira, tem-se notícias dos livros didáticos do Pe. Alcionfilio. Diz o prelado: "... nos anos em que vivi no aspirantado em Lavrinhas (década de 1940), eram adotados como texto de aula os seus livros: *Noções de química geral* – notável por conter noções de relatividade e física atômica, inexistentes nos textos escolares da época – e *Primeiras noções de grego clássico*. Pouco mais tarde, década de 50, produz: *Grego clássico nos colégios* e *História da literatura grega*. São também desses anos: *Psicologia experimental* e *Introdução à sociologia*."

Na década de 1950 edita *Introdução à ciência do direito* e *Manual da Semana Santa*, destinados especialmente aos alunos de direito canônico do Instituto Pio XI.

Na última conflagração mundial vêmo-lo como capelão junto à Força Expedicionária Brasileira.

Em 1947 foi convidado pelo bispo D. Pedro Massa² para realizar pesquisas etnográficas e lingüísticas no rio Negro. Os dois primeiros períodos de investigação de campo compreenderam os anos de 1947-1948 e 1952-1953.

A convite de instituições de pesquisas norte-americanas, em fins da década de 50, permanece nos Estados Unidos por longo tempo para melhor preparar dados lingüístico-etnográficos, que resultam no lançamento da *Discoteca etnolingüístico-musical das tribos dos rios Uaupés, Içana e Cauaboris*.

Em 1968, volta ao rio Negro para continuar os trabalhos de campo, continuando suas atividades até a morte.

No Centro de Documentação Etnográfica e Missionária, sediado em Manaus, e que veio substituir o antigo de Pesquisas do Iauareté, estão recolhidos muitos inéditos do religioso salesiano.

É do Pe. Casimiro Beksta a informação abaixo.³

"Um volume de *Lendas em português* (da tribo Tucano) foi enviada para S. Paulo, para impressão. Nada ouvimos sobre ele..." E ainda: "O dicionário Tucano-Português está nas mãos da Irmã Olga Tenório, sob supervisão de Dom Walter Ivan de Azevedo. Ela está datilografando os textos que foram corrigidos a mão, pelo autor. Finalmente, o texto do Dicionário Português-Tucano está guardado na nossa sala de computador esperando a sua vez para ser datilografado no computador. Faz dois anos que estou esperando en-

(2) D. Pedro Massa atuou, como bispo, durante 48 anos (1920-1968) na bacia do rio Negro. Foram de sua iniciativa a instalação do Observatório Meteorológico de São Gabriel, dos Postos Pluviométricos de Taracua e Barcelos. Propiciou a vinda do Prof. Miguel Deisenhofer (da Academia de Ciências de Munich), do Dr. Virgilio Alberti di Novello e do Prof. José Zikan para desenvolverem estudos sobre zoologia na região, notadamente entomologia.

(3) Dados tomados de carta enviada ao Pe. Mário Bonatti da Faculdade Salesiana de Filosofia de Lorena, em 21-4-1989.

contrar algum programa (editor de textos), que fosse capaz de gerar e imprimir sinais além do alfabeto internacional”.

E termina o Pe. Beksta: “Temos ainda umas caixas com textos em Tukano, que seriam “Lendas em Tukano e Português”, e “Alguns textos de Ritos” (recitações, bênçãos) em língua tucana, na linguagem do arcano, mas com a tradução feita por não iniciados (inclusive mulheres)”.

Mesmo que as atividades de pesquisas levadas a cabo pelos salesianos e outros religiosos tenham o fito de, em última análise, a “evangelização”, como se depreende do texto reproduzido adiante, não se pode deixar de considerar importante e válida (não poucas vezes os estudos dos missionários são utilizados, inclusive para trabalhos universitários) a obra editada.

Pode-se registrar a intenção missionária através de um escrito do Pe. Mário Bonatti. “A alfabetização, por exemplo, visa introduzir os índios no processo civilizador inevitável, não obstante o isolamento em que se mantém o território do Rio Negro, comparado com as demais regiões indígenas do Brasil. *O Evangelho de Jesus Cristo procura dar sobretudo sentido à vida* (os grifos são nossos). A escola da Missão preocupa-se em ensinar a escrever e desenvolver conhecimentos aperfeiçoados, fornecer instrumentos de trabalho para cerâmica marcenaria e mecânica”.⁴

A seguir arrolamos e descrevemos, e às vezes comentamos, os estudos preparados pelo Pe. Alcionflio e que foram publicados e/ou estão no prelo.

Eles servirão como instrumento de trabalho para os interessados.

– Os ritos fúnebres entre as tribos do Uaupés (Amazonas). *Anthropos*, Freiburg, 50 (4-6) – 593-601, 1955.

Informa o Pe. Alcionflio que os índios “admitem que o homem é composto de dois elementos: corpo (uaxpo) e alma (héripōra). Acrescenta: “Todo homem é, por natureza, imortal, pensam os indígenas. Porém, por ação maléfica de alguns inimigos, sobrevém a morte (uerinsé), ou a separação dos dois elementos. O corpo será sepultado e aos poucos se reduzirá ao nada. Quanto à alma, essa continuará no além outra vida semelhante a que se leva aqui na terra”.

Há um culto com grande força vinculativa dos elementos da tribo. São três os elementos do “culto público social”: o rito do poosé (ou oferta dos frutos e do peixe), o rito pubertário e o rito fúnebre.

O rito fúnebre consta de três partes: choro-elegia, sepultamento e festa fúnebre, que o autor descreve com minudências, transcrevendo o texto de uma elegia, “a mãe que chora” (paxcó uxtígo).

– Morte do chefe indígena da tribo Tucano. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, LIII: 119-123, 1956.

Descrição pormenorizada dos ritos mortuários do Viogo (chefe local de tribo) Tukano de Pari-Cachoeira.

– *Discoteca etno-lingüístico-musical das tribos dos rios Uaupé, Içana e Cauaburi*.

São Paulo, Centro de Pesquisas de Iauareté, 1961.

Trata-se de coleção de doze discos de 12” e 33 1/2 r.p.m., acompanhada por um livro contendo 150 p.

“A presente *Discoteca* reproduz a pronúncia de 25 idiomas indígenas di-

(4) “Aspectos antropológicos da família Baniwa – Rio Negro (AM)”, *Rev. da Faculdade Salesiana, Lorena*, 20 (29), p. 65, 1979.

ferentes, na voz dos representantes de cada tribo. Como, em geral, os indivíduos informantes desconheciam o Português, fez-se mister o emprego de um idioma intermediário, conhecido do índio que nos devia dar a palavra da sua língua natal. Esse idioma intermediário foi ordinariamente o Tukano entre as tribos do Uaupés, Tiquié e Papurí (para obter as palavras Kubewāna, intermediário foi o Wanana), e o Nheengatú entre as tribos Arwake do Içana e Aiari. Em vários casos não bastou uma língua intermediária. Esta dificuldade de ordem prática trouxe, no entanto, a vantagem de permitir-nos ouvir no disco uma mesma palavra portuguesa traduzida sucessivamente em três ou quatro idiomas indígenas e destarte verificar a aproximação ou afastamento entre esses idiomas”.

Esta é a informação preliminar do autor (p. 5).

Os quatro primeiros discos são um documentário daquilo que o Pe. Alcionílio denomina de “senso artístico-musical” dos grupos indígenas estudados, apresentando:

A) – Música instrumental:

- 1 : Flautas-de-pã, Namá-doxpoá, Moxtê-poro, Ehō, Namá-oã, Surubim.
- 2 : Yapurutú (danças).

B) – Canções dos homens:

- 1 : Canções dos homens das tribos Tukano e Wanana.
- 2 : Canções dos homens das tribos Taryana, Huhúdeni e Makú.

C) – Canções das mulheres:

- 1 : Canções das mulheres das tribos Kubewana, Wanana, Bará, Tuyuka, Mikura, Makú e Huhúdeni.
- 2 : Canções das mulheres das tribos Siwsi e Werekena. O choro-elegia.
- 3 : Canções dos pajés da tribo Taryana.

D) – Canções das moças e dos pajés:

- 1 : Canções das moças das tribos Pirá-tapuya, Tukano, Kumādene, Yawareté, Siwsi, Arara e Yurupari.
- 2 : Canções das tribos dos rios Maruíá e Caburi. O Rito do Cigarro. Canções dos pajés das tribos Tukano, Wanāna e Huhúdeni.

Os restantes oito discos cuidam em bem documentar importantes e úteis dados da língua: estrutura fonética-fonológica, gramática contrastiva, vocabulário comparado, etc.

Passemos à descrição abreviada dos conteúdos das gravações:

Disco 5 – Fonemas da língua Tukano na “pronúncia” de Antonio Barreto, de Patrícia Vasconcelos, Maria Vieira e Jovita Dias, respectivamente habitando os rios Tiquié, Papuri, Uaupés e afluente do Tiquié.

Disco 6 – Fonemas da língua Tukano na voz de Paulina Machado (povoado de Parí-Cachoeira – rio Tiquié). Lendas em Tukano: Porque a pele adere à mandioca, Wāx-tí e o caçador, História de Nhamacurú, Lendas de O’ā-kon e Mahā-wí.

Disco 7 – Vocabulários e lendas Nheengatú. Catecismo em Nheengatú. Vocabulários Korōxitari e Amōkapitori.

Nota: Foram recolhidas cerca de 200 palavras usuais, tendo por base o “vocabulário básico” proposto por Moris Swadesh.

Disco 8 – Vocabulários Tukano, Desana, Tuyuka, Bará, Yuriti-Suryana, Wanana-Kubewana, Kumādene.

Disco 9 – Vocabulários Pirá-tapuya, Tukano-Tuyuka-Bará, Tukano—Tsena, Wanana-Kubewana.

Disco 10 – Vocabulários Tukano-Tatú-Ide, Tukano-Yebá, Tukano-Makú.

Disco 11 – Vocabulários Português-Kumádene, Português-Siwsí, Português-Nheengatú-Huhúdeni, Nheengatú-Yuruparí-Yawareté.

Disco 12 – Vocabulários Português-Nheengatú-Sukuruzú, Português-Nheengatú-Ziboya, Português-Nheengatú-Werekena, Português-Tukano-Taryana.

O livro, indispensável para a boa utilização dos discos, contém estudos de elementos fonéticos e fonológicos, acompanhados por numerosa exemplificação. Também ali o leitor pode deparar com a transcrição das lendas (em português e inglês) e dos vocabulários.

Não seria ocioso aqui repetir as observações do Prof. Jurn J. Philipson publicadas na *Revista de Antropologia* (USP): “É fora de dúvida a honestidade total de todas informações do Autor, obtidas em vários anos de trabalho, durante os quais conseguiu aperfeiçoar os seus métodos”. E mais, quantos aos discos, “pode-se dizer que são de muito boa qualidade, recomendando-se a sua aquisição por instituições nacionais e estrangeiras, tanto para estudos lingüísticos e etnográficos, como fins didáticos. Outrossim, constituem documentação preciosa para futuras gerações”.

– O Amazonas, as amazonas e os índios de cauda. *Mundo Melhor*, São Paulo, V (59): 34-35, 37, 39, 41, 43, 45, 47-51, 1962.

Com base em observações pessoais e documentando-se nos historiadores da Sociedade Salesiana, o autor dá série de pequenas informações sobre as missões salesianas da Prelazia do Rio Negro.

A civilização indígena do Uaupés.

São Paulo, Centro de Pesquisas de Iauareté, 1962. 496 p. Ilus. Bibliografia.

Afirma o autor que os grupos (“vinte ou mais tribos”) que têm como habitat a bacia do Uaupés compõem um mesmo grupo cultural.

Como adendo, demonstrando o viés do missionário, pondera: “para *civilização e cristianização* (dos grupos) desde 1916 desdobram os Filhos de S. João Bosco, dirigidos, vai para (mais de) 40 anos, nesse seu heroísmo anônimo, pelo dinamismo inteligente a caridade apostólica de Dom Pedro Massa”. (os grifos são nossos)

Ao comparar a quantidade de dados de ordem lingüística e etnográfica recolhidos por Theodor Koch Grünberg e pelos salesianos, diz que estes tiveram sua ação facilitada pelo melhor conhecimento dos idiomas indígenas.

Uma vez mais, o Pe. Alcionílio deixa-se trair por sua formação religiosa. Senão vejamos. Falando da importância “do convívio mais íntimo possível com os selvícolas” diz: “morando na sua maloca, assistindo às suas festas, (..), observando-os nos seus trabalhos, aproveitando-se dos seus serviços, sondando o seu espírito, *ilustrando a sua inteligência em longos anos de educação, iluminando sua alma com as verdades religiosas, vê-se a trechos abrir-se inesperadamente aquelas mentes em clarões que revelam, através de uma ingenuidade encantadora, um mundo jamais sonhado.* (os grifos são nossos)

Apesar de nossos grifos e observações, que não podem ser tomadas como simples restrições, é de todo útil lembrar a importância e o grande volume de informações contidas no livro.

Ele está dividido em nove densos capítulos a saber:

I – O habitat.

II – As tribos do Uaupés no período histórico.

Atente-se para as cuidadosas observações sobre dificuldades de identificação e sobre as tribos da região e sua localização (p. 25-39).

III – Malocas (baxsasé-wi'seri) e povoados (maxka).

A indicação é feita através do topônimo oficial seguido da denominação em Tukano e sua tradução.

IV – Distinção e classificação.

São levados em conta os caracteres somáticos e, com maior amplitude, os elementos lingüísticos, indicando o autor a existência de três famílias lingüísticas: Tukano, Arwake, Makú.

V – Observações sobre a psicologia do índio.

Este capítulo mereceria reparos por parte de estudioso especializado, pois o sacerdote envereda pelos perigosos caminhos do preconceito, fazendo descuidados juízos de valor.

VI – Cultura material.

Extenso (p. 171-252) e muito bem documentado estudo. A descrição da habitação, dos objetos, das vestes, da alimentação, etc., obedecem às boas normas da moderna etnografia.

VII – Cultura do espírito.

Por mais de 150 páginas (p. 253-406) o autor vai descrevendo a “memória topográfica louvável”, as formas de contar, os conhecimentos astronômicos, “noções bastante exatas de anatomia e fisiologia humanas”, o papel do xamã (seus poderes, meios que utiliza para curar, sua influência, sua posição, etc.), artes musicais, “conceito de religião”, festas religiosas, etc.

VIII – Organização social.

Tópicos principais: leis de matrimônio, divisão do trabalho, imposição do nome, iniciação masculina e feminina, nomenclatura de parentesco, organização do grupo local ou territorial, grupo lingüístico.

IX – A vida do índio.

O mais fraco dos capítulos cuida dos ciclos diário, anual e de vida.

– Estrutura da tribo Tukano. *Anthropos*, Freiburg, 61 (1-2): 191-203, 1966.

Primeiramente faz breves observações sobre as “primeiras notícias e informações dos habitantes dessa região” que datam do século XVIII, detendo-se no *Roteiro* do Pe. José Monteiro de Noronha.

Diz o autor que na “tribo Tukano aparecem classes ou categorias de pessoas”, explicando que a classificação não é em razão da autoridade ou dos haveres. Trata-se na realidade, aduz, de uma classificação genealógica.

Após elencar as “classes genealógicas”, resultado de informações do mais velho da tribo (Gabriel Costa), estuda os resultados dos efeitos aculturativos sobre as regras de classificação das “classes”.

– *Observações gramaticais da língua Daxseyé ou Tukano*. São Paulo, Centro de Pesquisas de Iauareté, 1966. 404 p.

Cuidadoso estudo que, mesmo não seguindo muito de perto os contemporâneos postulados da lingüística descritiva, nada deixa a dever aos trabalhos do gênero.

A obra está dividida em quatro grandes partes: I – Fonologia (símbolos e

sons, acentuação e prosódia, fenômenos fonéticos); II – Morfologia (vocábulos, gêneros e números, artigo e declinação, adjetivos e pronomes, o verbo, advérbios, preposições, conjunções, interjeições ou exclamações); III – Etimologia (partículas de composição); IV – Sintaxe (ordem dos elementos na proposição, sintaxe do número plural, partículas, graus de comparação, complementos, pronomes, expressões enfáticas e idiotismos, verbos, proposições).

Para o estudo de etnolingüística convém assinalar “fenômenos fonéticos nas palavras assimiladas do português” (p. 25-35).

– A família lingüística Tukano. *Anthropos*, Freiburg, 68 (1-2): 304-310, 1973.

Informa preliminarmente o estudioso: “A preponderância da tribo Tukano pode-se atribuir à uma dupla causa: 1 – o grande número de Tukano em relação ao das outras tribos, algumas das quais constam apenas de duas ou três centenas de membros; 2 – a sua situação em uma área tão ampla onde se acham intercalados núcleos de outras tribos”. Diz ainda que “cumpre registrar que nessa área três tribos já perderam o próprio idioma e falam exclusivamente o Tukano, a saber: as tribos Miriti-Tapuya e Arapasu, pertencentes ao grupo Tukano, e a tribo Kumãdene, do grupo Arwake. E a própria tribo Taryana, ainda que bem numerosa, quicá umas 700 almas, está em véspera de esquecer a língua natal, que é atualmente falada pelos elementos mais idosos, acima dos 40 anos, pois a geração nova fala exclusivamente o Tukano”.

Após relacionar os componentes da família lingüística Tukano (em número de 23 segundo o autor) faz observações acerca das classificações lingüísticas propostas por T. Koch-Grünberg e Chestmir Loukotka, revendo-as e atualizando-as.

– Famílias lingüísticas indígenas da prelazia salesiana do Rio Negro (Brasil). *Salesianum*, Roma, p. 655-670, jul./set. 1975.

O autor reconhece três áreas etnográficas na Prelazia: 1º) área Tukano – bacia do Uaupés, incluindo dois principais afluentes, o Tiquié e o Papuri; a área se alonga pela Amazônia Colombiana; 2º) área Aruak – é a do alto Rio Negro, com seus afluentes o Içana e o Xiê; 3º) – área Guahafbo ou Yanoama (denominação provisória), é a área do médio Rio Negro.

– *Uma explicação – notas ao Dicionário Tukano-Português*. s/d. 16 p.

O autor divulga longa série de informações sobre os dicionários Tukano-Português e Português-Tukano, que deverão ser publicados postumamente, enfatizando as dificuldades de coleta e de transcrição.

Para o processo aculturativo são de muita utilidade as observações sobre as “conseqüências da generalização do idioma Tukano”.

– *Idiomas indígenas da Amazônia*.

A *Revista do Livro*, órgão do Instituto Nacional do Livro, por diversas vezes anunciou o lançamento do estudo que classifica e localiza os grupos indígenas (incluindo a área fronteira da Colômbia), contendo um vocabulário de mais de 300 palavras usuais, em 38 línguas indígenas.

– *Mitologia e lendas do Uaupés*.

Estava em estágio avançado de preparação quando do falecimento do missionário. Contém cerca de 1500 páginas.

Recebido em 03 de agosto de 1989

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE ANITA MALFATTI
(2 dez. 1889 – 6 nov. 1964)

Marta Rossetti Batista



Fotos de Yone Soares de Lima

Na individual de Zina Aita, São Paulo, março de 1922. Sentadas: Zita Aita (à e.) e AM. No primeiro plano, Mário de Andrade.

A obra expressionista de Anita Malfatti, pioneira da arte moderna no Brasil, está bem representada na Coleção de Artes Visuais do IEB através de 21 peças coletadas por Mário de Andrade – que documentam de modo claro seu papel de “estopim” do movimento modernista. Entre elas, os óleos *O homem amarelo*, *A estudante russa* e *O japonês* que participaram da histórica individual de 1917/18 e da Semana de Arte Moderna em 1922.

Dentro das comemorações do Centenário de seu nascimento (ver *Noticiário*) divulgamos aqui algumas fotografias e documentos integrantes do próprio Arquivo Anita Malfatti, doado por suas herdeiras ao IEB neste 1989. Os documentos inéditos pertencem à série “Correspondência” – onde se encontram officios de museus, cartas e bilhetes de Freitas Valle, Washington Luís e outras personalidades, de colegas e amigos da pintora, e de modernistas como Mário de Andrade (35 cartas e um telegrama editados em livro). As 9 cartas aqui transcritas revelam, através de notícias enviadas pelos amigos, alguns detalhes e dados sobre momentos da carreira da pintora em seus primeiros vinte anos (1911-1931). Dizem respeito a:

Alemanha (1910-1914) – Cartas 1. e 2.

A pintora iniciou seus estudos artísticos em Berlim onde permaneceu durante três anos, no imediato pré-guerra, tão marcado pelo movimento expressionista – que deixou germens em sua obra. Estudou com Fritz Burger, Bischoff-Culm e Lovis Corinth; afastou-se da arte acadêmica, sobretudo na liberação das cores – sua composição arbitrária e seu modo de aplicá-las à tela.

As obras de Anita Malfatti e as informações sobre esses três anos iniciais na Alemanha são raras. No Arquivo, restam duas cartas enviadas por Heinrich von den Hoff – o amigo Heinz que a artista descreve em um manuscrito (*Berlim, 1913*), ao lado de Lilly, Baum e Adalberto (que faleceu na I Guerra Mundial), todos seus colegas de Academia em Berlim, alunos de Bischoff-Culm e, provavelmente, de Lovis Corinth. (Cartas traduzidas do alemão por Martina Luisa Kollender)

Estados Unidos (1915-1916) – Carta 3.

Depois de passar por São Paulo em 1914 – onde expôs em maio – Anita Malfatti partiu para os Estados Unidos onde estudou ano e meio, sobretudo na Independent School of Art de Homer Boss. Nesta escola, firmou sua tendência expressionista, produzindo os desenhos, as paisagens e retratos que a celebrizariam e que, apresentados em São Paulo na “Exposição de pintura moderna Anita Malfatti”, em 1917/18, motivariam o ataque de Lobato e a adesão de futuros modernistas.

Na Independent School, a artista tornou-se amiga do pintor A. S. Baylinson (o secretário da escola) e de Sara Friedman e Floyd O’Neale. Anita trouxe para São Paulo obras dos três amigos e colegas e os expôs também em sua individual de 1917/18. A carta de Rosalie O’Neale – provavelmente a mãe de Floyd O’Neale – dá notícias sobre esses amigos de Anita, ainda reunidos e atuantes – como outros integrantes da escola de Boss – em torno da Sociedade dos Artistas Independentes e seus salões anuais. (Traduzida do inglês por M. R. B.)



Em família, São Paulo, 1908 c. AM ao centro da foto.

Não é valido o retrato que não tiver o sinete em relevo



Retrato tirado em 18. de Novembro de 1914.

Chefe da Secção de Identificação:

Luiz Carlos Vianna

da Segurança Publica:

M. da Silva
o portador:

Maffei

Fotos no passaporte com o qual embarcou para os Estados Unidos, 1914.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA MODERNA

ANNITA MALFATTI

FIGURAS		GRAVURAS	
1. Lulve	1200000	29. Bonza Jareza Automóvel	200000
2. Tropical	1200000	30. Anjos de Babel	150000
3. Sinfonia Colorida	1000000	31. São Vicente Amarelo	200000
4. Capanga	2000000	32. Saudades de Bahia	150000
5. Caboclinha	2000000	33. Anjo Napoleão	150000
6. Estudante russa	1000000	34. Arvore que se ama	120000
7. Retrato de H. Nellie S. Campos		35. A Inha do Casal de São	120000
8. Coactre	200000	36. O Burrito que me	120000
9. Egiptica	200000	37. Floresta de Pinheiros, Itaipu	120000
10. Japonês	200000	38. Floresta de Pinheiros, Itaipu	120000
11. O Homem amarelo	200000	39. Marinha antiga	200000
12. A mulher de cabelo verde	200000		
PAISAGENS		AQUARELLAS	
13. Ventania	200000	40. A Praia de Santos	120000
14. O Paineiro e a Cabrita	150000	41. Aspecto do Mar	120000
15. Os Palheiros	100000	42. A pescaria das 6	120000
16. O Pharo	100000	43. Crianças na praia	100000
17. Paisagem Santa Amélia	200000	44. A capota do Peixe	120000
18.	200000		
19. A Onda	150000	CARICATURAS E DESENHOS	
20. A heliz d'agua	150000	45. Inadorna em São Paulo	50000
21. A Palmeira	100000	46. Festa no Tramom	50000
22. O barco	100000	47. Primavera, a indolente	50000
23. Rancho de Sapé	150000	48. Café Americano	50000
24. Marinha	100000	49. Impression de Matos	50000
25. Casa chinesa	200000	50. O Monumento	
26. Aspecto de Villa	100000	51. A Amega	
27. Paisagem moderna	100000	52. O Secretário da escola	
28. Aspecto de nichos	100000	53. O luar da Cruz Vermelha Brasileira	

Catálogo da história individual de 1917/18, em São Paulo.

PINACOTECA DO ESTADO

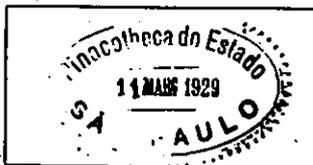
Em 11 de Março de 1929.

Recebi do Sr. Annita Malfatti, quatro quadros, a saber: Tropical e duas cópias, oferecidos ao Governo do Estado, para figurar na coleção deste estabelecimento.

São Paulo, 11 de Março de 1929

Conservador do Estado

(via)



Recibo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, 11 mar. 1929. Quadros doados por AM em 1929: Tropical e duas cópias.

Em Nova York, Anita Malfatti morou na pensão “dos Wards” onde – como conta em um manuscrito sobre a amiga *Marion* – viviam sete moças, que estudavam e trabalhavam. Outra carta existente no Arquivo – de Gladys McCormack, Nova York, 1920 – refere-se a este grupo de amigas.

Brasil (1918-1920) – Cartas 4. e 5.

Durante seus primeiros anos após o retorno ao Brasil (agosto de 1916) Anita Malfatti enviou obras suas para o Salão Nacional de Belas Artes no Rio – única coletiva anual em que podia se apresentar. Participou dos Salões de 1917, 1918 e 1919. Provavelmente neste último, indo ao Rio, teria conhecido o desenhista e ilustrador Correia Dias – que, pouco depois da mostra, lhe envia a pequena carta aqui reproduzida.

A polêmica em torno da individual de 1917/1918 deixou marcas na pintora que, abalada, tempos depois procurava moderar sua experimentação artística e produzir uma arte mais conformada ao meio. Nesse período, especialmente em 1919 e 1920, relacionou-se com alguns pintores atuantes em São Paulo, como Pedro Alexandrino e Georg Fischer Elpons – dos quais foi aluna –, Enrico Vio e Tarsila, então iniciando-se na pintura. Em meados de 1920, Tarsila partiu para Paris onde estudou por dois anos, ainda ligada à uma pintura de caráter tradicional – só começaria a abandoná-la no retorno a São Paulo, no segundo semestre de 1922. A carta que envia a Anita poucos meses depois da chegada a Paris (a única que subsiste) é significativa sobre esta etapa da pintora iniciante.

Com os modernistas (1921-1929) – Cartas 6. e 7.

Os primeiros inovadores adeptos da arte moderna – entre eles, os que apoiaram a individual Malfatti – reuniram-se e tomaram feição de grupo em 1920. A partir de 1921, Anita Malfatti estava unida a eles, participando das manifestações modernistas; reunia-se com os escritores Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Menotti del Picchia, com os artistas Brecheret e Di Cavalcanti. Em 1922, ano de reuniões constantes do grupo, em torno da Semana de Arte Moderna, de *Klaxon*, do “grupo dos cinco”, conviveu com Zina Aita e outros. Também com o poeta Ribeiro Couto – como se vê pela carta que este lhe enviou em 1923. Neste ano Ribeiro Couto, tendo contraído tuberculose, internara-se em Campos do Jordão onde os modernistas iam às vezes visitá-lo. A carta aqui transcrita, provavelmente enviada de Campos do Jordão, é bem típica do seu estilo e modo de ser.

Entre meados de 1923 e de 1928, Anita Malfatti viveu em Paris – cidade que atraía então grande parte de nossos pintores e escultores modernistas. Mário de Andrade, admirador da expressionista e seu amigo fiel, durante esses cinco anos escreveu-lhe com constância, relatando o movimento artístico em São Paulo, suas novas obras e, sempre, incentivando a pintora. Desta correspondência reproduzimos uma das últimas cartas que o escritor enviou à amiga em Paris – onde lhe conta, saborosamente, a recepção oficial que a “comitiva” paulista recebeu em Iquitos, Peru, durante sua viagem ao Norte, em 1927.

O Salão Revolucionário (1931) – Cartas 8. e 9.

A partir de 1930, Anita Malfatti colaborou na organização de algumas coletivas importantes – entre elas, a do Salão Revolucionário de 1931, no

Rio de Janeiro. Dentro das reformas ensaiadas pela revolução de 1930, estava a do ensino da Escola Nacional de Belas Artes. O jovem arquiteto Lúcio Costa, nomeado diretor da Escola, contratou artistas modernos (Warchavchik, Leo Putz, Celso Antônio) que af lecionavam em confronto com os mestres acadêmicos, gerando polêmicas intensas. Em meados de 1931, Lúcio Costa ainda nomeou, para organizar o tradicional Salão anual de Belas Artes, uma Comissão de “modernos” que incluía Manuel Bandeira, Celso Antônio, Portinari (recém-chegado da bolsa na Europa) e – até simbolicamente – a pioneira Anita Malfatti. A Comissão Organizadora admitiu todos os trabalhos apresentados, montando um verdadeiro “Salão dos Independentes”, sem júri, nem prêmios. Os artistas modernos, apresentando-se em bloco pela primeira vez, tornaram-se o escândalo e o sucesso do Salão.

Esta XXXVIII Exposição Geral de Belas Artes abriu-se a 1º de setembro – mas, já a 12, devido a manobras políticas e pressões dos professores tradicionais, Lúcio Costa pedia demissão da direção da Escola. O Salão, entretanto, continuou até o final do mês, apesar das incertezas. As duas cartas de Manuel Bandeira colocam Anita Malfatti a par dos acontecimentos após a demissão de Lúcio Costa – revelando-nos novos dados relacionados com o histórico Salão Revolucionário de 1931.

9 Cartas para Anita Malfatti

1. de Heinrich von den Hoff, Colônia, 2 fev. 1922

Colônia, na festa de “Maria” Lichtmess
em 2 fev. 1922.

Querida Anita!

Acompanhadas de meus melhores votos, enviei para o seu endereço, em pequenos intervalos, 4 grandes cartas registradas contendo praticamente todas as minhas águas-fortes. Tomara que a decepção com as pranchas não seja muito grande. Espero ansioso sua carta com as críticas. Gostaria que você guardasse todas essas gravuras e me comunicasse quais as pranchas que ainda deverei enviar. – No momento, pela primeira vez, estou gravando sobre madeira. Já inutilizei uma tabuinha, agora trabalho numa maior, tomando muito mais cuidado no seu manuseio e acredito conseguir algo aceitável desta vez. Aqui estamos vivendo um inverno bravo, neve, tempo de degelo, geada. Chove seguidamente e há alguns dias, ao escurecer, ocorreu o regelo nas ruas. Quando, à meia noite, os bem alimentados e tradicionais fregueses “tomadores de cerveja” abandonaram a taberna, viam-se belas cenas e alguns arrastaram-se “de quatro” até em casa. – Alegro-me bastante com a expectativa da primavera e das excursões de estudo pelas terras renanas. Nesta ocasião irão nascer também novas pranchas, que lhe serão mandadas imediatamente. Na outra página, seguem os preços das águas-fortes, tais como se encontram atualmente no mercado. Terei prazer em dar qualquer informação. – Há 14 dias escrevi novamente para Lilly, mas até hoje não recebi resposta. Que a vida lhe seja agradável e muitas lembranças afetuosas de toda parte

do seu

H. von den Hoff

Primeira carta

1	prancha	op.	90	160 M.
1	"	"	26	150 "
1	"	"	131	180 "
1	"	"	82x	150 "
1	"	"	58	150 "
1	"	"	86	140 "
1	"	"	78	150 "
1	"	"	5	150 "
1	"	"	49	180 "
1	"	"	59	100 "

Segunda carta

1	prancha	op.	119 ^a	100 M.
2	"	"	140	100 "
2	"	"	98	120 "
2	"	"	117	100 "
2	"	"	128	180 "
1	"	"	108	150 "
1	"	"	99	160 "
1	"	"	121	120 "
1	"	"	120	140 "
1	"	"	77	140 "
1	"	"	111	120 "
1	"	"	113	140 "
1	"	"	112	140 "
1	"	"	97	160 "
1	"	"	127	180 "

Terceira carta

1	prancha	op.	84	140 M.
1	"	"	83	160 "
1	"	"	25	140 "
1	"	"	109	240 "
1	"	"	73	200 "
1	"	"	87	200 "
1	"	"	46	240 "
1	"	"	63	140 "
1	"	"	64	160 "
1	"	"	100	220 "
1	"	"	101	200 "
1	"	"	105	200 "
1	"	"	104	220 "
1	"	"	103	200 "

Quarta carta

1	prancha	op.	36	160 M.
1	"	"	95	150 "
1	"	"	91	140 "
1	"	"	80	<i>Prova do artista</i> 220 M.
				Edição normal
				150 M.
1	"	"	71	150 "
1	"	"	70	200 "
1	"	"	46	240 "
1	"	"	87	200 "
1	"	"	73	200 "
1	"	"	127	180 "
1	"	"	124	<i>Prova do artista</i> 300 M.
				Edição normal
				200 M.
1	"	"	130	<i>Prova do artista</i> 270 M.
				Edição normal
				180 M.
1	"	"	67	150 "
1	"	"	41	150 "
1	"	"	96	180 "
1	"	"	37	150 "

(N. — junto à carta, alguns recortes de jornais alemães: 3 sobre H. von den Hoff e 2 sobre o professor Ernst Bishoff-Culm, morto na guerra, em 1917.)

Colônia, às margens do disputadíssimo Reno, 8.I.23

Feliz Ano Novo.

Querida amiga Anita! O cachimbo está aceso; este também é um prazer cada vez mais raro e estou envolto na fumaça azul, cuja procedência alemã é reconhecida pelo olfato do conhecedor. De qualquer forma, melhor que folhas de floresta. Mas vamos ao assunto! Tendo decorrido quase um ano sem que eu recebesse notícias suas, embora tenha escrito várias vezes, mandei um mensageiro para encontrá-la, o qual me fornecerá informações precisas sobre a sua atividade e sobre como se encontra. No momento, ele nada em alto mar e assim que chegue bem no país de minha esperança, e esteja recuperado do cansaço da viagem, ele logo a procurará e lhe entregará uma cartinha minha. Você poderá conversar muito com ele sobre arte + artistas, pois ele mesmo pertence a estes últimos, embora proveniente de uma outra área. É um arquiteto, inclusive dos bons, e eu espero que através dele você fique sabendo de muitas coisas que a interessem, em particular sobre o meu criar + atuar e meus planos, exposições e assim por diante. Estou especialmente ansioso em saber como está e o que está fazendo. Eu constatei, justamente na época da passagem de ano, que durante o ano passado não fiz nenhuma pintura a óleo; em compensação nasceram diversas aquarelas e ainda mais águas-fortes. No momento estou trabalhando num álbum que retrata uma velha aldeia renana (de Eifel) com uma bela ruína de castelo feudal. Serão 8 pranchas e um frontispício, das quais seis estão prontas, para a minha felicidade. Agora espero tempo bom para fazer mais desenhos, mas o céu envia chuva e nevoeiro; assim estou tão preso no meu ateliê quanto a estátua do imperador no seu pedestal. Coisa desgraçadamente entediante! Hoje, em pleno inverno, estou sentado aqui sem aquecimento! Aqui o mundo todo está virado, não só política e economicamente, até o tempo está participando. Meu amigo me escreve de Roma que seus filhos puderam patinar no gelo sobre o teto de sua casa, e nós no norte não vimos neve nem gelo. Como é aí onde se encontra, no novo mundo? Agora eu poderia lhe escrever um grande discurso sobre a precária situação econômica, especialmente a dos artistas. Poderia lhe dizer que somos todos milionários e sabe-se lá o que mais. Porém, isto é pouco interessante e provavelmente também do conhecimento de vocês. Prefiro dizer-lhe que, apesar de algumas privações, estou bem contente. Agora como antes, corro 98 degraus sobre o calçamento da rua e me sinto bem à vontade no meu mundo. Surgindo uma hora triste, recorro à minha estante e me aprofundo em alguma obra boa e assim se restabelece a harmonia. Alegra-me poder dizer a você que eu avancei um pedaço, e até um pedaço apreciável, na minha arte. Em anexo, encontra-se uma crítica de minha última exposição (de novembro). Esta lhe diz tudo. O arquiteto Dorf-müller poderá lhe contar mais. No verão fiz, juntamente com meu irmão, uma bela andança pela "Heide", a seguir estivemos em Hamburgo, Bremen e nas ilhas do Mar do Norte. Vi o mar pela primeira vez e não será com facilidade que irei esquecer a grandeza da impressão que me causou. Escrevi para você de Bremen e espero que tenha recebido. As minhas gravuras chegaram aí? Quando esta carta chegar, fará um ano que as enviei. A carta com o comentário referente à exposição em memória do Bischoff-Culm chegou às

suas mãos? Você ainda pinta assiduamente? Ainda é retratista? e o que faz na arte da gravura? Aqui florescem as águas-fortes e a gráfica em geral; existem muitos colecionadores e o grande público compra gravuras por serem tão baratas. Pinturas a óleo são muito caras. Eu também adquirei diversas pranchas por meio de compra ou troca e tenho uma coleção bem simpática. Minha melhor aquisição é uma obra ilustrada por Max Slevogt, uma Mil e uma Noites. Há algum tempo vêm surgindo muitos livros ilustrados no mercado. Infelizmente, não levo jeito para o figurativo, caso contrário teria muito prazer em tentar também este ramo. Que você viva bem, minha querida Anita, dê lembranças ao Sr. e Sr^a Dorfmueller caso eles apareçam e receba muitas lembranças afetuosas

do seu
Heinz von den Hoff

Köln a/ Rhein
Barbarossapl. 7

P.S. Enquanto lhe escrevo, os franceses trazem muitos canhões e soldados para dentro de nossa pátria. O que estará por vir?

(N. — junto com a carta, um recorte de jornal alemão, com crítica a uma exposição em que figuravam obras de H. von den Hoff.)



Nos Estados Unidos: AM e colegas no barco (voltando de Monhegan?)

Nova York

Minha querida querida Anita.

Sua carta de um ano atrás foi um grande prazer e eu tenho pensado em você muito, muito, mas não consegui coragem para escrever. Nosso belo "Jimmy" jaz em França e o choque e a crueldade disso tudo tem sido muito mais do que poderíamos aguentar. Quase um ano atrás, ele embarcou para lutar, animado, mas disse que era uma guerra de tenentes e por isso as chances estavam contra ele. Estou incluindo recortes e desejaria poder enviar-lhe todos os belos tributos que ele recebeu. Você sabe, ele era tão querido que parece quase inacreditável que sua brilhante carreira possa ter terminado. Nós não conhecemos a moça com quem ele se casou, embora o tenhamos ouvido falar dela. Às vezes penso que esses casamentos foram feitos por muitas moças apenas pela aventura. Quase todos os rapazes desta vizinhança que foram nunca voltarão. Você não sabe quão triste é agora – tão cheio de memórias – quando as divisões de Nova York estão retornando. A saúde de Mr. O'Neale está fraca – várias vezes ele nos tem alarmado. Ele diz que não consegue reanimar-se, não consegue esquecer. Espero que você tenha mantido seus irmãos em casa. Vocês tiveram a gripe na sua seção também? Foi terrível aqui mas escapamos, embora todos nós tivéssemos aqueles resfriados que vão e vêm. Floyd e seu "John" são pouco devotados embora não possamos saber exatamente porque. Eles agora falam de casamento o qual sem dúvida está fora da questão. Os Independentes estão realizando uma exposição no Waldorf e Floyd está lá nesta noite porque "John" é um dos "custodians" e não pode faltar. O pequeno "Baily" está lá também. A exposição não está tão interessante, não tão brilhante como antigamente. Sara tem duas coisas. Ela se arranja para trabalhar um pouco mesmo que tenha de cozinhar e tomar conta do bebê de "Bessie" – agora com cerca de um ano de idade. Às vezes vemos os Butters. Lili desenha (moda) para alguma revista. Mr. Butter pinta cartazes para os diferentes "Denis" (??). Mamãe Butter realmente não pinta muito. "Jennie" está ainda na França com o Exército de Ocupação. "Duncan" está em algum lugar por lá também. Há muita luta aqui com os problemas domésticos (não há mais empregadas). Sinto que poderia gostar de viajar para sua seção do mundo – para gastar meses. Você não vai voltar? Ouvi dizer que os Wards ainda estão no velho lugar, mas todas as moças são novas. Tentei enviar algumas novidades mas isto não é resposta à sua adorável carta. Escreva e conte o que você e os seus estão fazendo.

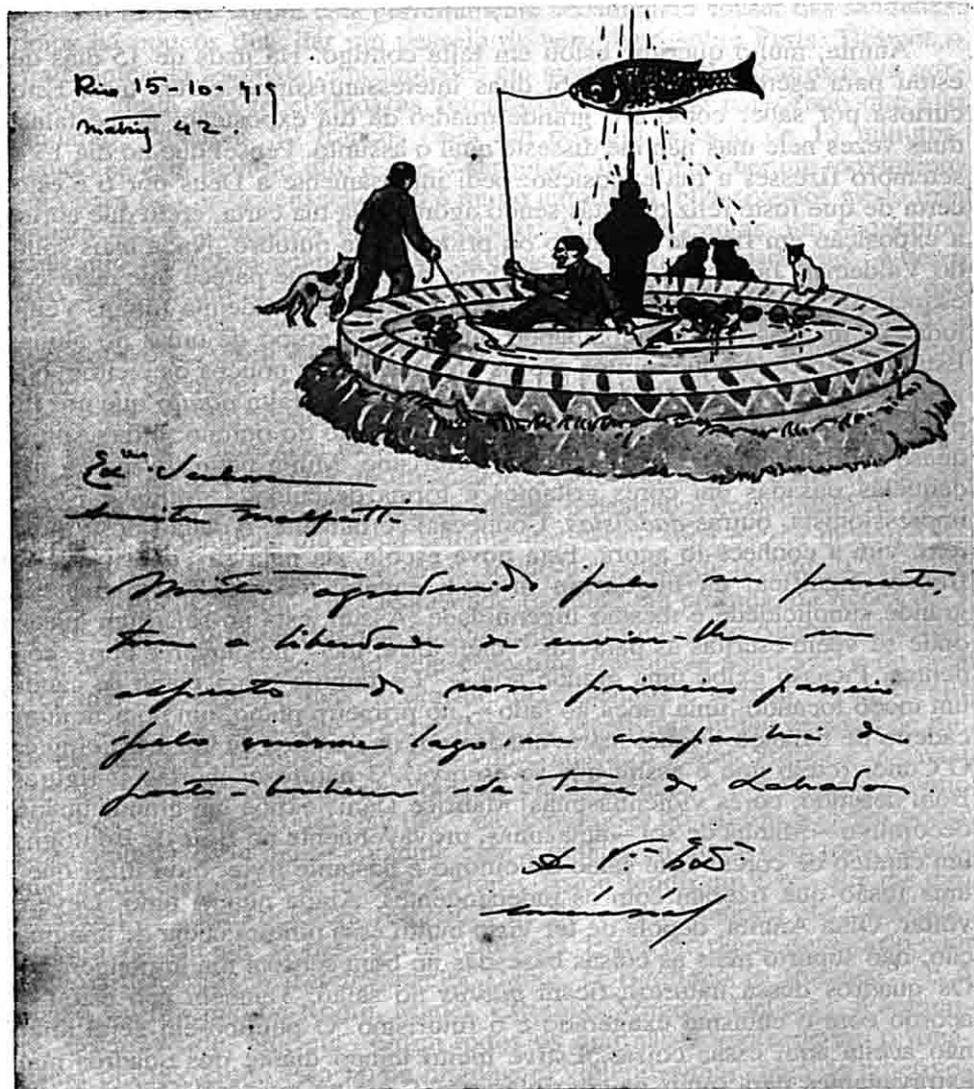
Com muito amor por você, querida menina

afeiçoadamente

Rosalie F. O'Neale

8 de abril.

(N. – junto à carta, recortes de jornais norte-americanos: 5 sobre o tenente J. S. O'Neale e 1 sobre a entrada do Brasil na guerra.)



Rio 15-10-919
Matriz 42.

Exm^a Senhora
Annita Malfatti

Muito agradecido pelo seu presente, tomo a liberdade de enviar-lhe um aspecto do nosso primeiro passeio pelo enorme lago, em companhia do porte-bonheur da terra do Labrador.

De V^{sa} E. S^a
Correia Dias

Paris – 26 outubro – 1920

Annita, muito querida: estou em falta contigo. Há mais de 15 dias que estou para escrever-te; já recebi duas interessantíssimas cartas tuas. Estou curiosa por saber como é o grande quadro da tua exposição; já me falaste duas vezes nele mas não me disseste qual o assunto. Pensei que no dia 15 de setembro fizesses a tua exposição: pedi intensamente a Deus por ti e estou certa de que foste feliz ou estás sendo agora. Pela tua carta, creio que abriste a exposição em fins de setembro ou princípio de outubro. Nada mais soube do Valdemar. Já escrevi pedindo notícias dele mas me parece que mamãe se esquece de enviá-las. Estou te escrevendo daqui da Academia Julian. Venho todas as manhãs. Estou trabalhando num grande grupo de umas 50 alunas. Está me parecendo que muitos são os chamados mas poucos os eleitos. Não vejo uma aluna *forte*. Algumas trabalham bem, mas falta *aquilo* que nos impressiona. – Já estive no “Grand Palais”, no salão do outono: olha, Annita, quase tudo tende para o cubismo ou futurismo. Muita natureza-morta, mas daquelas ousadas em cores gritantes e forma descuidada. Muita paisagem impressionista, outras *dadaístas*. Conheces, certamente, o dadaísmo. Eu, porém, vim a conhecê-lo agora. Esta nova escola, da palavra “dadá” que em francês significa, na linguagem infantil, cavalo, tem por fim pintar com grande simplicidade e mesmo ingenuidade. Assim, está no salão um quadro onde se vêem escritas as palavras: “ciel, terre, mer” nos lugares correspondentes. Picasso exhibe uma grande tela – “La famille”: um piano de cauda, um moço tocando, uma moça ao lado –, no primeiro plano, um homem numa cadeira de balanço. Fiquei maravilhada com os quadros de um artista inglês: O’Conor (creio que é assim que se escreve): 3 naturezas-mortas, 2 figuras. Bom desenho, cores violentíssimas. Maurice Denis expõe um grande quadro decorativo – Manhã de sol – amazonas, provavelmente no Bois de Boulogne: um cântico de cores! Este salão do outono é bastante livre: ouvi dizer que é uma fusão que fizeram com os independentes. Ainda não vi tudo. Deverei voltar. Olha Annita, depois de ter visto muito essa pintura cheia de imaginação, não suporto mais as coisas baseadas no bom senso e muito ponderadas. Os quadros dessa natureza ficam *pobres* no salão. Também não estou de acordo com o cubismo exagerado e o futurismo. O público em geral ainda não aceita aqui essas coisas. Estive muito tempo diante dos quadros mais extravagantes para ouvir os comentários: “C’est un mystère! Qu’est-ce que c’est cela? – L’artiste meme n’en sait rien... etc”. Mas, como estás vendo, a arte nova está vencendo. Fui a uma casa que compra e vende quadros modernos e futuristas. Há grande movimento na casa. O salão de junho é mais severo que este, contudo estou certa de que as tuas telas teriam perfeitamente aceitação, pois é essa a arte compreendida aqui. As tuas pinturas nunca foram futuristas como queriam dizer os pouco entendidos aí. Não compreenderam o teu talento e nada mais. Trata de arranjar as malas e dize-me em que vapor vens. Tenho trabalhado também à tarde num curso de “croquis”. Acho aquilo interessantíssimo. Agora é que vou começar a levar a vida com mais método. Estou morando bem no centro de Paris. O Louvre a dois passos, o mesmo com o “metro” que me facilita para ir a todas as direções. No ponto

em que estou, nada fica longe. Tenho visto o Souza Lima. Não imaginas que alegria quando o vi pela 1ª vez! Um patrício, um amigo nosso, parecia-me um pedaço do meu Brasil. Olha, Annita, ainda soffro muito com as saudades. O Souza Lima, que já está aqui há um ano, disse-me que passou também por tudo isso mas que agora está perfeitamente acostumado apesar das saudades. Fomos há poucos dias dar um passeio de aeroplano sobre Paris. Tiramos o retrato antes da ascensão, encapotados em mantos de pele, óculos e um gorro. Mas ainda não recebemos as fotografias e está me parecendo que não mandarão. Pagamos 50 francos cada um por um passeio de 15 minutos. Quando se está bem no alto e que o aeroplano faz um pequenino movimento como para descer, a sensação não é muito agradável. Não tivemos medo mas também não tencionamos bisar o passeio. Afinal de contas, um pequenino desarranjo na hélice acabaria com as nossas *preciosas* existências. A terra é tão boa, amemo-la, caminhemos sobre ela, sem aquele vento terrível das alturas, apenas remediado pelos capotes e pelo gorro de peles, envolvendo a cabeça toda. — Agora estou te escrevendo do meu quarto. Fui hoje ao consulado. Lá encontrei uma carta de mamãe. Dizia-me que telefonavas sempre sabendo se tinham recebido notícias minhas. Como és boa, minha Annita! Não imaginas a falta que me fazes aqui. Ainda não vi Helena e Margarida. Manda-me sempre notícias da irmandade. Pobre irmandade! Cada vez se desagregando mais! Quem sabe se por síntese o destino a consolidará de novo em Paris? — Qualquer dia desta semana irei visitar uma escola moderna de pintura por onde já passei duas vezes, tendo-a encontrada fechada. Creio que se abre só pela manhã. Na escola onde trabalho em croquis, dá lições de 3 em 3 semanas o nosso Lucien Simon. Olha Annita, acho Simon realmente um grande artista. O desenho dele é de uma franqueza admirável e de uma força que impressiona, mas o colorido quase sempre é terroso. Vi no “Petit Palais” diversas telas dele. Tenho feito, na Academia Julian estudos de nu; por enquanto só desenhos mas logo vou começar a pintar. Agora é que vou começar a trabalhar seriamente somente em academias e nas férias de junho quero ver se encontro um “atelier” nas condições do Milton também poder ficar comigo. Estou muito contente com a notícia da vinda dele para cá mas temo ainda que não seja levada a efeito. Estou lendo um livro que me tem divertido: “Pittura, Scultura futuriste” de Boccioni. Comprei por curiosidade, para ver em que se baseiam os futuristas. Estou em pleno desacordo com o autor: “Beethoven, Michelangelo, Dante, ci rivoltano lo stomaco”. E o mesmo vai dizendo de Rodin, Manet, Cézanne, Wagner, Debussy, d’Annunzio, Oscar Wilde, etc, etc., enfim todos os que não comprederam o dinamismo plástico, tudo isso numa linguagem violentíssima, cheia de adjetivos de idiota e estúpido para baixo. Entre as reproduções dos quadros, no fim do livro, há uma de Severini “La danza del pan-pan” que é esplêndida e outra de Russolo: “Riassunto plastico dei movimenti di una donna” que também não fica atrás. — Falando há pouco em “ci rivoltano lo stomaco” lembrei-me do Vio com as suas alusões a mulheres feias. Quando ele for aí, diga-lhe que vou escrever-lhe logo e que espero que ele esteja agora melhor da bronquite; que vá para a fazenda durante as férias, onde poderá passar bem melhor. Papai e mamãe já lhe ofereceram a casa. — Já estiveste com o Mugnaini? O Vio escreveu-me contando que ele não teve grande resultado na exposição. Gostaste muito dos trabalhos dele? Estou agora à espera das notícias da tua exposição. Bem, minha querida Annita, vou terminar esta que já está com um

aspecto de interminável. Saudades a D. Beth, a Georgina ao Willy e a todos os teus. Não sei mais o número da casa de Irene. Envio saudades a ela também Adeus, querida Annita, quero-te muito bem, abraço-te com toda a amizade

Tarsila

27 – outubro

Fui há poucos dias, pela primeira vez, em companhia do Souza Lima, a um esplêndido concerto sinfônico no Trocadero, onde, com os seus 86 anos, Saint-Saëns se apresentou em público, tocando ao piano, acompanhado de orquestra, peças belíssimas dele. Admiramos-lhe a boa memória (tocou de cor) e a execução. Foi uma bela tarde! Ouvimos também Beethoven e Cezar Franck – Souza Lima progride extraordinariamente. Está fazendo só estudos de técnica. Largou de tudo quanto tocava. – Saudades a Luison e aos fragmentos da irmandade, que ainda se encontram por aí.

6. de Ribeiro Couto, (Campos do Jordão), 8 fev. 1923.

Annita

São nove horas da manhã do dia 8 de fevereiro, naturalmente de mil e novecentos e vinte e três. O gerente da pensão acaba de levar a correspondência que deverá seguir daqui a meia hora pelo pitoresco bondinho a gasolina.

Portanto, é o momento propício de escrever-te, porque tenho 48 horas de prazo.

Em primeiro lugar, devo dizer ao teu coração de irmã carinhosa que vou passando excelentemente de saúde. És testemunha de uma famosa febre que me floria o rosto de rosas aflitivas. Desapareceu. Ficou apenas um vestígio: ligeira excitação febril depois das refeições. (Estes detalhes são para teu conhecimento só. Para os amigos, dirás apenas – O Couto? Vai otimamente! Está outro Etc.)

Tua última carta chegou há mais de uma semana. De propósito não a releio agora, para não responder a coisa por coisa, à maneira burguesa (Annita: fuja-mos à maneira burguesa.)

Eu sei é que tua carta é deliciosa. (Annita: há muito tempo eu não tinha um prazer de espírito tão fino, tão sutilmente complicado e macio, como desta vez. Eu adoro as feitiçarias amáveis, as pequenas feitiçarias inteligentes. Deves compreender o quanto vai de proposital, de altitude, de blague, como talvez de verdade secreta, no jogo excitante dessas feitiçarias. – Um rapaz que se enfastia neste desterro, um rapaz acostumado numa atmosfera colorida de romances, precisa dar-se a ilusão de uma porção de coisas. Assim, ele procura no seu sub-consciente certas impressões vagas e tímidas que através do Tempo não encontraram momento de afirmar-se, e procura afirmá-las agora, consciente da ilusão, da realidade e do mais... E, então, com ela organiza o que ele chama as suas pequenas feitiçarias amáveis, tentando perturbar a alma encantadora de uma outra criatura, pelo só prazer de pertur-

bá-la. e perturbar-se. Não é inteligente? Não é raro? Não é exquis? Não é R. C.? Não é A. M.? Não é secretamente delicioso, capaz de ser apenas por nos compreendido? Meu Deus! Que horror ter uma alma complicada! Portanto, não é preciso alarme, nem terror. É tudo mentira? Nem tudo... Mas nem tudo é verdade.)

Não sei se cometes a ação feia de mostrar as minhas cartas a alguém. Eu tenho um horror positivo, irremediável, a isso. Quando escrevo a uma pessoa como tu — conheço duas ou três pessoas como tu, incluindo nesse alto número tu mesma — revelo o que há de melhor, talvez, dentro de mim: uma natureza poliédrica, girando ao sol do instinto, com lindos reflexos coloridos. Ora, nem todos compreendem uma natureza poliédrica, girando, etc., com reflexos, etc. etc. (Ler as linhas anteriores.)

E é essa natureza que eu tenho necessidade de mostrar. O natural, em mim, é dizer o que sinto. (Eu estava habituado a dizer o que sentia a uma pessoa, que outrora teve na minha vida a função de prima-donna da ópera lírica do meu desejo.) Hoje, não tendo a quem dizer o que sinto, ou não querendo mais dizê-lo a outras gentes, arrasto pelos corredores da pensão o tédio decadente de um falido.

E foi a ti que eu quis dizer coisas, que eu quis descobrir aspectos inocentes da minha vida sub-consciente. Aspectos que eu mesmo não distinguia bem. Aspectos que talvez não existam.

Ficaste alarmada. Que tolice! Então estarei condenado a ser acreditado *in totum*? Estarei condenado a não poder escrever-te o que me der na fantasia? Estarei condenado a não ser interessante?

Uma série de poemas delinear-se na minha mencionada fantasia. Vê se acompanhas o fio que os liga:

Pic-nic, A rapariga distante, O doente, Visita, Fruto, Frêmito junto ao velho salgueiro, O desejo manso.

Há um fio, um fiozinho. Entretanto, que pena! não os escreverei mais, porque a tua irônica e alarmada inteligência verá nesses poemas alusões.

Desses poemas, não obstante, eras a *emoção impulsora*. Simplesmente. Quando eu escrevo um poema de amor — os meus poemas sempre são de amor — fixo uma criatura qualquer, e é o seu convívio, ou a sua lembrança que me faz escrevê-lo (É uma função um pouco secundária, concordo, mas, de certo modo, bem feminina.)

Aquele poema que te mandei, pensei-o de madrugada. Entretanto, *saiu* quando te escrevi a carta. (Ao Bandeira mando sempre poemas que escrevo no meio das cartas a ele. Ele também me é *emoção impulsora*, mas naturalmente diversa...)

Perdoa, mas o título de um destes poemas da série me está evocando certo momento, certa emoção, e não há remédio senão escrevê-lo...

Frêmito junto ao velho salgueiro

Junto ao velho salgueiro da estrada
ela disse: — “Até quando agora?”

Nos seus olhos uma piedade me sorriu.

(Eu sei que ela pensava na minha morte.)

A minha boca pálida sorriu também...

E abrimos os braços para a despedida casta,
os nossos braços de amigos fraternais.

Entretanto, ao sentir o seu corpo no meu,
acordou em mim um homem diferente
e um frêmito novo me percorreu.
Tive pudor de que ela visse os meus olhos
e voltei o rosto para as montanhas.
Ela partia. — “Adeus, amigo!”
Minha boca pálida tornou a sorrir-lhe
e minhas mãos leves lhe acenaram adeus.

É preciso que leves a sério este pedido: manda-me a cópia deste e do outro poema. Se não o quiseres, mesmo, manda-me os pedaços de carta que os contêm. Tenho horror a copiar eu mesmo.

Principalmente, escreve-me sempre. Tuas cartas são como um vento de inteligência — um vento morno — que vem lá de baixo.

Quando fores a Petrópolis, dá muitas lembranças afetuosas a Zina e Nella.

Zina me escreveu. Ainda não lhe respondi por preguiça. Fala-me que é muito tua amiga.

Lembranças ao Mário de Andrade.

Abraça-te o amigo dedicado

Ruy

7. de Mário de Andrade, São Paulo, 26 out. 1927.

S. Paulo, 26-X-27

Anitoca querquerida'morning. Tou contente tou contente tou contente com você, minha vida minha vida minha vida (agora leia bem depressa) tem sido uma atrapalhação. Escrevinhei lá em Iquitos no Perú uma cartona pra você. Não recebeu não? Você não me fala nela! Oi que foi registrada. Não escrevo carta grande mesmo, sem que registre. E que trabalhadeira deu pra escrever, você nem imagina. Era no dia da partida de lá e a gente tinha que ir na casa do presidente do Estado que oferecia uma recepção oficial prà gente. Eu nem tinha tomado banho ainda, quanto mais me vestir Mas careço escrever pra Anitoca daqui, me falei. E principiei escrevendo, fui escrevendo, quando vi, só tinha uma hora pra ir no Correio registrar a diaba da carta, voltar pro navio tomar banho, me vestir e ir na casa do presidente. Afinal acabei vestindo roupa limpa cor cima de corpo suado e fiquei uma beleza, você já pode imaginar, todo de branco, roupa de linho finfssimo e dura que parava em pé de tão engomada, lustrosa que dava fuquefuque nos olhos dos outros. Fui na recepção. Foi impagável. Parecia o rei da Inglaterra recebendo a rainha da Bélgica. Gente assim. Nem bem a gente virou a esquina do palácio, fa-se a pé porque em Iquitos só tinha dois autos particulares, pronto: arreventou uma musicaria de banda no palácio, e toda a ministrada apareceu na porta pra receber a gente. Receberam com muitos salamaleques e entramos. Tinha que atravessar um pátio. Do outro lado estava el presidente de Estado de Loreto, caramba! chiquitito e todo blanco vestido de gran capitán, como no, se-ñora! de gran capitán... Dona Olvívia foi andando e ele veio andando, se encontraram bem no meinho do pátio, eta ferro, novos salamaleques muitas inclinações muitos sorrisos dos mais graciosos e lá fomos todos prà sala de recepção ficada ao lado. Toda a gente se sentou e então foi uma pândega das

maiores que jamais vi na minha vida. Imagine que a tal sala era inteirinha aberta por causa do calorão e a banda estava no pátio mesmo que fazia de caixa de ressonância. Era uma bulha tamanha que de certo nem tiro de canhão se podia escutar. E toda a gente então fingia conversar, era impagável. O presidente se virava pra dona Olívia e mexia mexia a boca fingindo que dizia alguma coisa. Dona Olívia mexia mexia a boca fingindo que respondia. Um senador fazia o mesmo comigo. Era um mexer de boca que dava a impressão de que toda a gente estava mastigando. Foi impagável, te juro. Depois inda acabei fazendo um discurso! Sim senhora, este seu amigo que jamais teve coragem de fazer um improviso na vida, lá no norte foi obrigado a virar discursador, fiz improviso por toda a parte. Também fiz o primeiro logo em Belém do Pará e depois me limitei a repetir por toda a parte o que falara da primeira vez, fiz não sei quantas vezes o mesmo improviso. Enfim nesta viagem gostosíssima tudo foi pretexto pra pândega e dona Olívia, a filha de Tarsila, a filha de dona Betita Guedes Nogueira e eu, os únicos que fomos afinal, nos divertimos que foi uma gostosura. Quanto ao Amazonas e passeios de lá nem se conta assim em carta, tudo fica tão morto! E tudo é tão bonito! Não conto nada. Te digo adeus que já está passando da hora. Não repare: vivo passando da hora. Chego atrasado em todas as partes. Agora estou como redator de artiguetes artísticos num jornal diário novo que apareceu aqui, o *Diario Nacional* do partido democrático. Você não tem alguma pintura nova importante? Mande tirar uma foto e me mande para eu publicar nele. Com uma nota sobre você. E quando que você vem mesmo? E não quer mandar uma carta contando um pouco essa vida artística de pintores em Paris. Conte impessoalmente que eu publico. Não se incomode com algum possível engano que eu corrigirei. Seria incapaz de expor a minha querquerida amigota Anitica a um ridículo. Ou si quiser mande elementos, dados, que farei eu mesmo um artigo com eles. E assim vou alimentando aqui o interesse por você. Como você vem o ano que vem e tem de fazer exposição aqui, isso será muito bom. Quanto ao meu quadro... até tenho vergonha de você. Mas o ajuste continua como dantes. Compro um quadro de você mesmo. Si aparecer comprador pro meu, comprarei outro, si não, esse que escolhi. Ciao.

Um abração do Mário

8. de Manuel Bandeira, Rio de Janeiro, 16 set. 1931.

Rio, 16 de setembro de 1931.

Anita amiga.

Passei esta manhã um telegrama tranquilizando-a sobre a sorte do Salão. Logo que o Lúcio deixou a Escola fiquei atento para salvaguardar as obras dos nossos amigos e sobretudo as dos bons paulistas que tanto nos ajudaram. Portinari e Celso estavam um pouco desorientados, querendo pedir demissão, etc. Fiz-lhes ver que não era o caso. Nosso papel é ficarmos atentos. Os dois achavam que se devia conversar com o Rodolfo Chambelland, diretor interino, para saber se havia idéia de fechar o Salão. Concordei em que não havia mal que eles fossem, mas eu próprio preferi não ir. O Chambelland disse a

eles que não mexeria com o Salão, visto que ele apenas respondia pelo expediente da Diretoria, deixada acéfala com a saída do Lúcio.

Sábado passado os estudantes andaram fazendo algazarra e soltando bombas chilenas nas imediações da Escola e não sei se dentro. Por esse motivo o Chambelland mandou fechar as galerias como medida de prudência, no que acho que andou muito certo. Já na segunda-feira o Salão funcionou.

Quando se empossar o novo diretor efetivo, que não sei quem será, procura-lo-emos, é a minha opinião, sempre com o fito de proteger os trabalhos de nossos amigos. O Lúcio antes de subir para Correias, recomendou-me isso; e se o Salão for fechado, ele descerá para cuidar junto ao ministério da Viação da remessa das obras vindas de São Paulo.

Eis tudo que há, afora as saudades deixadas por você, que são muitas. Todo o mundo ficou querendo bem a v. e lhe manda lembranças. Mme Blank e Joanita muito agradecem os seus recados e se recomendam.

Agora para acabar, negócios. Os rapazes de BAZAR, nova revista mundana, papel mundano, colaboração mundana (mas eu, Ribeiro Couto, Guilherme, Felipe e outros poetas simpáticos fazemos parte do corpo efetivo de colaboradores) perguntam se v. quer fazer uma composição a cores sobre o sport de pólo para ocupar o centro da revista aberta, como vem no primeiro número uma coisa creio da Belá Pais Leme. É coisa para cem mil réis. Se achar que vale a pena, me responda uma palavrinha. Mas olhe sou nisso simples transmissor da encomenda e não faça a menor cerimônia em recusar, se não lhe convier ou diga se faz por mais, etc. A Belá não ganhou nada porque é mundana. Os mundanos não ganham!

Com um grande abraço do poeta-artista e professor
Manuel Bandeira

9. de Manuel Bandeira, Rio de Janeiro, 30 set. 1931.

Rio, 30 de setembro de 31.

Amiga Anita,

Mando-lhe hoje (finalmente!) o convite que v. me pediu.

Uma explicação sobre o caso do manteau: a Sílvia o tinha deixado na cidade e eu devia apanhá-lo e entregá-lo ao Mário. Ambos nos esquecemos. Please, excuse me. Sílvia não teve culpa. O Paulo de Magalhães (não babão) é que o levou. Não o entregou ainda?

O querido Salão fechou ontem. O Lúcio lá estava, olhando todas aquelas telas das nossas salas com muita ternura e melancolia: fiquei comovido. Ele lastimou não se ter tomado fotografias de conjunto.

O caso da Escola continua uma barafunda. O Osvaldo Aranha e o Zé Américo estiveram lá ontem e conversaram com os rapazes estudantes, aconselhando-os a persistirem na atitude de resistência... O Aranha chegou mesmo a dizer: "Se vocês afrouxarem, perderão toda a minha simpatia!" Então porque não agem? Parecem querer alegar que tiveram de ceder a um movimento de opinião. Portanto fale com essa gente aí para escreverem nos jor-

nais, mandarem moções, etc. O meu artiguete parece que produziu algum efeito. Os estudantes estão explorando o lado político da questão. Portinari agitadíssimo! Celso incerto, gravatal e christian science.

O Lúcio já está tratando de recambiar para São Paulo a contribuição bandeirante: fique tranquila que tudo correrá bem.

Saudades e abraços do

M.



Manuel Bandeira, 1931.

A COMISSÃO ABAIXO ASSIGNADA TEM A HONRA DE CONVIDA-LO E À EXMA. FAMILIA PARA ASSISTIREM A INAUGURAÇÃO DA XXXVIII EXPOSIÇÃO GERAL DE BELLAS-ARTES, A REALIZAR-SE NO DIA 1.º DE SETEMBRO ÀS 15 HORAS, NO EDIFÍCIO DA ESCOLA NACIONAL DE BELLAS-ARTES

A COMISSÃO:

ANNITA MALFATTI.
MANUEL BANDEIRA.
CANDIDO PORTINARI.
CELSO ANTONIO.
LUCIO COSTA.

*Convite para a inauguração do Salão Revolucionário,
Rio de Janeiro, 1931.*

Recebido em 18 de setembro de 1989